

Nome: Fábio Takao Masuda

E-mail: fabio_tmasuda@yahoo.com.br/fabio.masuda@usp.br

Instituição de Ensino: USP

Orientador: José Antonio Vasconcelos

NIETZSCHE E O ALZHEIMER

Resumo:

“Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda caos dentro de vós”. (NIETZSCHE¹)

Em seu curto ensaio intitulado *O que é o contemporâneo*, que na sua primeira versão, de 2005, foi apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina, o pensador italiano Giorgio Agamben se aventurou a refletir sobre a seguinte questão: “De quem e do que somos contemporâneos? E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo?”². Uma primeira tentativa, das possíveis respostas aventadas por Agamben, é que, paradoxalmente, ser contemporâneo é ser extemporâneo: “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo”³.

Mas o que significa olhar e perceber o seu tempo histórico? Ora, o próprio Agamben, nesse mesmo texto, delineou indicações a respeito desse questionamento. Em uma delas, Agamben resgata uma obra do jovem Nietzsche, a saber, a *Segunda Consideração Extemporânea. Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874). Nessa Consideração de juventude, Nietzsche nos coloca questões seminais para a nossa contemporaneidade, o que exemplifica o próprio caráter extemporâneo de sua obra. Não por acaso, Agamben lançou mão justamente da *Segunda Consideração Extemporânea*. Trata-se de um movimento para adentrar em um dos núcleos do pensamento nietzscheano:

“Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz como seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado. Ver isto desgosta duramente o homem porque ele se vangloria de sua humanidade frente ao animal, embora

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 18.

² AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 57.

³ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 58-59.

olhe invejoso para a sua felicidade — pois o homem quer apenas isso, viver como o animal, sem melancolia, sem dor; e o quer entretanto em vão, porque não quer o animal. O homem pergunta mesmo um dia ao animal: por que não me falas sobre tua felicidade e apenas me observas? O animal quer também responder e falar, isso se deve ao fato de que sempre esquece o que queria dizer, mas também já esqueceu esta resposta e silencia: de tal modo que o homem se admira disso. Todavia, o homem também se admira de si mesmo por não poder aprender a esquecer e por sempre se ver novamente preso ao que passou: por mais longe e rápido que ele corra, a corrente corre junto”⁴.

Portanto, de acordo com Nietzsche, o animal não tem a dimensão do passado e do futuro, pois ele está ligado somente ao instante presente. Assim, não se enfada e, tampouco, desenvolve a melancolia, precisamente, porque não conserva uma memória. Por outro lado, o homem, que se orgulha da sua humanidade, inveja o animal, dado que este não retém o que passou. O animal tem apenas a experiência da “estaca do instante”, ao contrário do homem, que não consegue desprender-se da lembrança da sua condição de finitude. Logo, o animal é feliz, uma vez que não conserva a lembrança da dor, do mal e da morte. Ele está conectado somente ao instante. Já a humanidade do homem é marcada pelo tempo. Nesse sentido, a raiz do homem está fincada à temporalidade, na medida em que o desenrolar da história humana se constrói no fluxo temporal. Acrescenta-se ainda que isso coincide com a condição mortal do homem. Trata-se, portanto, da experiência corporal da finitude, cuja imposição não permite nenhuma escapatória em face da impotência humana diante do escoamento do tempo: “por mais longe e rápido que ele corra, a corrente corre junto”. Ainda assim, contra esta corrente, o homem recorre a inúmeros subterfúgios, que percorre um arco de ressentimento, desde a vingança até a construção de mundos e entidades metafísicas:

“A finitude é o inimigo odiado pela vontade impotente, que por isso se vinga do passar do tempo, ficcionando além-mundos, fortalezas metafísicas imaginárias, consolos na eternidade a que só a ascese pode conduzir, protegidas e asseguradas contra a corrente deletéria do vir-a-ser, contra a instabilidade dos desejos, dos sentidos, das constringentes pressões do corpo, das mazelas do mundo”⁵.

Mesmo com a assunção de tais reações raivosas contra o passar do tempo, o homem, inevitavelmente, carrega consigo os elos da corrente do ser mortal. Isso se dá pela memória, isto é, pela relação do homem com o tempo. Trata-se do desprendimento da “estaca do instante”, que marca a vida dos animais, ao contrário da existência humana. Não obstante, junto com a memória, há o esquecimento. Essa é a contradição constitutiva do homem. E para Nietzsche, é por meio do “esquecimento ativo” que ocorre a metabolização, a assimilação, em suma, a afirmação das experiências traumáticas da

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a Vida*. Tradução por Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 7-8.

⁵ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 11.

finitude: “eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento”⁶. Logo, por meio da senda nietzscheana, o esquecimento é uma potência, que possibilita encarar a vida na sua integralidade, mesmo com todo o absurdo da historicidade da existência.

Contudo, o contemporâneo parece colocar um contraponto à questão do valor do esquecimento tão insistentemente tratado por Nietzsche, haja vista a amnésia devastadora causada pela Doença do Alzheimer: “Nestes casos, não há dúvida de que o déficit consiste numa perda real de memórias, por lesão generalizada de sítios de armazenagem; e não há mais como corrigi-lo”⁷. Ademais, com aumento da expectativa de vida, propiciada por muitos fatores, como, por exemplo, o avanço da técnica moderna, houve, de modo geral, um crescimento da população de idosos no planeta. Tal fato não se deu de modo diferente em território nacional, onde também ocorreu um “incremento significativo na proporção de indivíduos idosos no Brasil. A proporção de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos passou de 6% em 1975 para 7,9% em 2000, estimando-se que chegue a 15,4% em 2025”⁸. Ora, com o envelhecimento humano, a incidência de patologias neurodegenerativas também tende a aumentar. Dentre elas, a Doença de Alzheimer ganha destaque na contemporaneidade, pois há duras consequências impostas não apenas aos idosos que sofrem com essa demência, como também para os seus cuidadores, os quais devem aprender a lidar com situações limites, nas palavras de Agamben: “ver as trevas”⁹.

Desta forma, está colocado o desafio da Doença do Alzheimer para a nossa contemporaneidade¹⁰. Com efeito, houve um crescente interesse, o que se reflete nas produções cinematográficas que abordam o Alzheimer, já que existe toda uma preocupação social em lidar com a patologia. Um exemplo recente, cuja abordagem gira em torno do Alzheimer, é o filme norte-americano intitulado *Still Alice* (2014). No Brasil, recebeu o título de “Para sempre Alice”. No entanto, apesar de estar presente desde os noticiários até as telas do cinema, passando por pesquisas científicas atuais e artigos acadêmicos, não se trata de uma patologia recém-descoberta, pois, antes era “chamada demência senil ou

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 48.

⁷ IZQUIERDO, Ivan. “Memórias”. In: *Estudos Avançados*, v. 3, n.6, 1989, p. 106.

⁸ IZQUIERDO, Ivan; PRADO, Marco A.; CARAMELLI, Paulo; Cammarota, Martín. “Envelhecimento e memória: foco na doença de Alzheimer”. In: *Revista de Medicina (USP)*, v. 72, 2007, p. 44.

⁹ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 63.

¹⁰ IZQUIERDO, Ivan; PRADO, Marco A.; CARAMELLI, Paulo; Cammarota, Martín. “Envelhecimento e memória: foco na doença de Alzheimer”. In: *Revista de Medicina (USP)*, v. 72, 2007, p. 44.

arterosclerótica”¹¹. Logo, essa demência estabelece uma relação de memória e esquecimento atrelada com o estado fisiológico, ao passo que Nietzsche dá ênfase ao aspecto sociocultural do tema. Mas, então, por que aproximar a Doença do Alzheimer à Filosofia? A resposta é norteada pela justificativa de atualização dos conceitos filosóficos para a área da saúde, quiçá, de uma aurora nietzscheana de “grande saúde”¹². Daí a relevância da atualização da filosofia para o nosso tempo:

“Atualizar um conceito como instrumento filosófico conceitual para a nossa contemporaneidade – instrumento que nos permita, no caso, pensar as questões da saúde, psicanalíticas, psicossomáticas e médicas – torna-se assim o passo seguinte a uma desconstrução genealógica. Criar conceitos, propor sentidos novos, serve pois para dar uma luz nova a debates nos quais as pessoas tenderiam a estar cristalizadas em suas posições por não verem outras alternativas”¹³.

Palavras-chave: Nietzsche, Alzheimer, Memória, Esquecimento, Saúde.

¹¹ IZQUIERDO, Ivan. “Memórias”. In: *Estudos Avançados*, v. 3, n.6, 1989, p. 105.

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 286- 287.

¹³ MARTINS, André. “Filosofia e Saúde: Métodos Genealógico e Filosófico-conceitual”. In: *Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)*, Rio de Janeiro, v. 20, 2004, p. 114.